

Robert E. Howard

GAOR, O PARRICIDA

CAPÍTULO 1

O FILHO DE GENSERIC

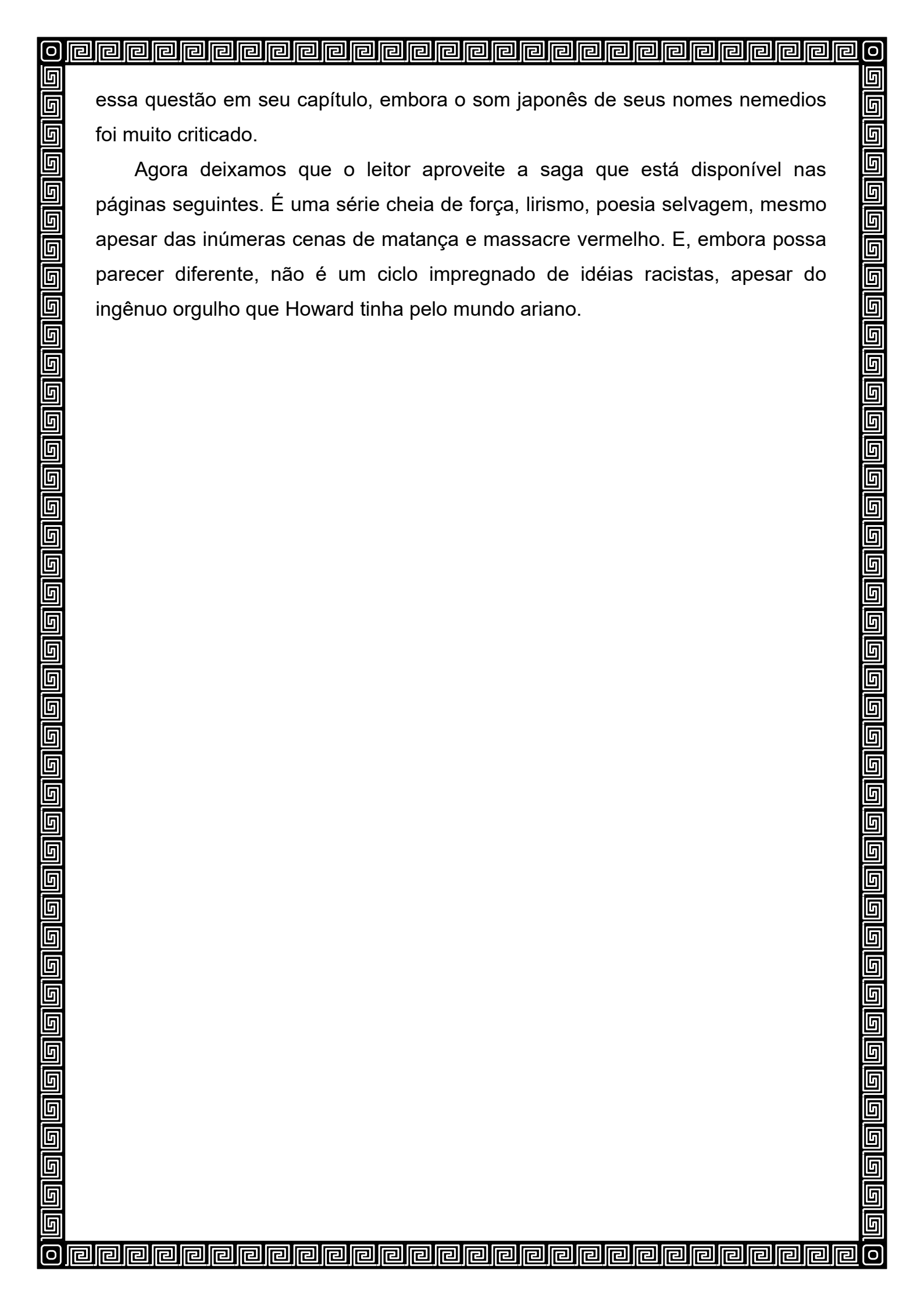


GHOR, O PARRICIDA

INTRODUÇÃO

A novela em série chamada Ghor, o parricida, tão interessante quanto irregular, que parte de um fragmento inacabado de Howard que começa com a frase "'Há muito, muito tempo..." ("Long, long ago ...") e que também foi chamado de "Filho de Genseric", pertencente ao ciclo de James Allison. Ghor, o Parricida, foi concebido no final dos anos 70 por Jonathan Bacon, editor da Fantasy Crossroads, um fanzine muito popular durante o boom Howardiano da época. Bacon se apresentou com um fragmento inédito de Howard, «O Filho de Genseric», e propôs continuar com uma narrativa "seriada", escrita por diferentes autores. Assim, a Fantasy Crossroads, a partir de sua edição de março de 1977, começou a publicar a novela serializada, na proporção de dois ou três capítulos por edição. A intenção era, obviamente, publicar o todo, até sua conclusão no capítulo 17. Mas, depois do capítulo 12 (publicado na edição de janeiro de 1979 da Fantasy Crossroads), a revista faliu, e os cinco capítulos seguintes foram dados por perdidos por anos até serem recuperados em agosto de 1997 pela Necronomicon Press, em um livreto bastante pobre, com uma letra minúscula e uma capa preta e branca sobre papelão amarelo.

Morgan Holmes, da associação howardiana de imprensa REH, disse recentemente, referindo-se a essa obra que "os primeiros 7 capítulos são bons, mas a novela é irremediavelmente danificada a partir do capítulo de Darreil Schweitzer". Embora durante a primeira metade do livro, diferentes autores tentam manter uma certa coerência argumental, respeitando as raízes howardianas – exceto algum e outro detalhe estranho um pouco fora de lugar – quando o capítulo 9 se torna um importante ponto de virada, tanto em seu tratamento literário quanto em sua liberdade pelo trabalho anterior e o que supõe para o enredo. A partir daí, cada autor fazia o que quisesse, incluindo a narração da eterna batalha entre os deuses da Ordem e o Caos, que Moorcock popularizou durante os anos 60. Curiosamente, teve o bom gosto de não tocar



essa questão em seu capítulo, embora o som japonês de seus nomes nemedios foi muito criticado.

Agora deixamos que o leitor aproveite a saga que está disponível nas páginas seguintes. É uma série cheia de força, lirismo, poesia selvagem, mesmo apesar das inúmeras cenas de matança e massacre vermelho. E, embora possa parecer diferente, não é um ciclo impregnado de idéias racistas, apesar do ingênuo orgulho que Howard tinha pelo mundo ariano.

CAPÍTULO I

O FILHO DE GENSERIC

Robert E. Howard

Tradução e Revisão: MARCELO SOUZA



Há muito, muito tempo atrás, Gudrun das Tranças Brilhantes, a esposa de Genseric, o Espadachim, deu à luz um menino, em sua residência coberta pelas neves congeladas de Vanaheim. Quando o recém-nascido respirou seu primeiro sopro de vida no deserto congelado, Genseric levantou os braços poderosos, e buscaram no menino recém-nascido qualquer possível mácula, pois tal era o costume dos Vanires, e seus irmãos, os aesires. E ele franziu a testa, pois a perna esquerda do bebê parecia torta.

O costume imemorial decretara que só o perfeito poderia sobreviver; mas Genseric se voltou para Gudrun, cheio de dúvidas, pois era ela quem teria a última palavra nesse assunto. Mas Gudrun, que ainda sofria os rigores do parto, empurrou-o para o lado com ferocidade e alisando orgulhosamente suas tranças brilhantes, disse em tom áspero:

—Já lhe dei quatro filhos de membros perfeitos. Devemos dar a eles aquele sapo deformado como irmão?

Então Genseric saiu da tenda no amanhecer congelado, levando o bebê recém-nascido com ele. O sopro de sua respiração congelou em sua barba, e seus pés calçados esmagavam a crosta de gelo. Havia neve no cabo de sua espada, e o ar gelado penetrou através de sua roupa de peles e da cota de malha que ele usava embaixo.

Muito Longe, no meio do terreno enevoadado, ele deixou a criança, cujo corpo ficou azul no vento que soprava do horizonte mais distante. Ele pousou a mão no cabo da espada, e então seus ouvidos ouviram ao longe o longo uivo dos grandes lobos cinzentos. Então ele virou-se e caminhou de volta através do pântano, como um fantasma escuro sob a aurora indefinida e, depois dele, o uivo da alcateia subiu num crescendo de alegre exultação, e foi se apagando pouco a pouco.

Mas antes que o sol tivesse aberto caminho através das geadas névoas e nuvens baixas para converter os campos de neve em planícies de fogo cegador, o velho Bragi entrou na tenda de Genseric, com sua barba grisalha, os olhos inquietos e aquele estranho ar na alma que era tão peculiar para ele desde que recebeu uma ferida de espada em sua cabeça.

—Vi como você deixou o menino na neve – disse o velho Bragi. Eu o vi quando estava voltando pela terra congelada, pouco antes do amanhecer. Ouvi o uivo dos lobos quando você voltou para cá, e logo depois ouvi seus passos rápidos na crosta de gelo. Os olhos deles pareciam verdes, na escuridão, e suas línguas vermelhas pendiam famintas entre suas presas brancas. Eles foram até o bebê, onde ele estava deitado na neve, e mordiscaram seus membros, mas não o machucaram. Pelo sangue congelado de Ymir, eles uivavam como os reis da estepe, e uma grande loba cinzenta se agachou ao lado dele e ofereceu suas mamas. Os dedos do bebê acariciaram seus cabelos grisalhos cobertos de neve e chuparam as tetas que lhe foram oferecidos como qualquer filhote teria feito. Então, o medo me dominou e eu fugi para longe rapidamente. Mas o que digo é a pura verdade.

Então Genseric e seus irmãos foram decididamente para o terreno baldio, até chegarem ao ponto em que o bebê havia sido abandonado. Mas não havia nenhum rastro dele, e só encontraram as pegadas dos lobos. Não havia sangue na neve, mas os passos dos lobos conduziam para o oeste em direção às planícies de gelo e neve eterna. E daí em diante, sob as tendas de pele de cavalo de Vanaheim, e mesmo em algumas de Asgard, à luz da fogueira pululante, a história do quinto filho de Genseric, o bebê que foi levado pelos lobos foi narrada.

Eu era esse bebê. Eu, a quem agora os homens chamam James Allison, em outra época, e em outro clima, muito mais fraco e mais suave. Não posso dizer-lhe como possuo tal conhecimento, do mesmo modo que os eventos de ontem, ou da semana passada, ou do ano passado permanecem indelévels nessa parte da nossa mente chamada consciência, ao qual chamamos de memória, para que possamos lembrar e escrever sobre eles. Vocês conhecem essas coisas e eu conheço as minhas. Assim como você lembra da sua vida, eu lembro das minhas vidas passadas. As lembranças de seus dias não são quebradas pelas noites de sono que as separam, assim como as lembranças de minhas diferentes vidas não são rompidas pelas noites alternadas daquele sono profundo que chamamos de morte. Naquelas noites eu já adormeci mais de dez mil vezes, e dessas noites também despertei por dez mil vezes, e continuarei fazendo isso,

repetidas vezes, no curso dos séculos, até que a destruição do planeta rompa definitivamente a cadeia de carne, sangue e fragmentos de ossos que com tanto sucesso foi o receptáculo daquele espírito imortal que eu sou.

Nem mesmo a destruição do planeta poderia aniquilar esse espírito, embora seu fim estivesse sob um sol morto e frio, ou se fundisse sob a ira dos fogos cósmicos. Mesmo que a terra explodisse como uma bolha iridescente no infinito abismo, a vida não será destruída. Eu vi visões, grandes, terríveis e surpreendentes desse cataclismo que não poderá destruir o meu espírito, mas que o projetará para o desconhecido infinito até oceanos de sóis jamais sonhados com estrelas além do conhecimento do homem, para continuar com as incontáveis sucessões em mundos estranhos e portentosos, além do eco do vazio.

Mas não pretendo falar em profundidade sobre esses sonhos. sou um homem da terra. Saí do pó e ao pó voltei, não uma vez, mas um milhão de vezes, para me levantar em uma ressurreição eterna, vestida com carne e uma ardente juventude, nova e brilhante. Eu não olho além do horizonte do planeta que me deu vida. Meus pés estão profundamente enraizados nos mistérios de sua grama e seus lagos; Eu carrego sua chuva no meu cabelo, e seu sol é ouro quente em meus ombros nus; sob minhas mãos, a terra quente bate com a vida que dá seu ser às raças humanas, e meus braços abraçam os ramos vivos de suas árvores; eles não são menos filhos da terra do que eu; o sussurro de suas folhas não é menos articulado do que o meu.

Eu tenho sido muitos homens em muitos países! Enquanto estou deitado aqui, esperando a morte me libertar desse corpo quebrado e desgastado, não contemplo as paredes frágeis, nem o madeiramento do telhado ou as reproduções baratas que se destinam a ser quadros. Nada disso limita minha visão, nem as casas, o bosque de carvalhos ou as montanhas além. Nem mesmo o horizonte serve como limite. Comtemplo o nascer do sol em chamas que conheço de antigas terras, distantes, e os amplos e espumantes oceanos... penhascos brancos contra o frio azul, com quebra de espumas brilhantes a seus pés, e o grito das gaivotas. Eu vejo pompa, orgulho e glória, o sol cintilando em couraças douradas, lanças quebrando, velas purpuras se desdobrando... e

também vejo os olhos escuros das mulheres que amei.

Oh, claro que vejo todos os homens que eu fui! O bravo, o medroso, o forte, o fraco, o galante, cruel; o amante, o que odiava, o ambicioso, o guerreiro, o traidor ... em figuras definidas que, igualmente nasceram animadas pelo mesmo espírito viajante e incansável que agora anima o corpo frágil e doente que os homens chamam de James Allison.

O que será que eu não fui? Rei, guerreiro, escravo... Morri em Maratona, em Arbela, em Canas, em Chalons, em Clontarf, em Hastings, Agincourt, em Austerlitz, em San Jacinto e Gettysburg. Eu fui um chefe tribal loiro desconhecido que montava um garanhão meio selvagem, quando o bronze foi introduzido na Europa ocidental; peguei a lança e o escudo na falange macedônia, quando as planícies da Índia tremiam com o ataque de Alexandre; manejei um arco em Poitiers, quando nossa chuva de flechas quebrou a carga de cavalaria da França; e ouvi o rangido de couro, o tilintar de esporas e a canção dos cavaleiros noturnos quando cavalgamos, fazendo soar os chifres de batalha pelo escuro caminho que os homens chamam de Chisholm para construir um novo e jovem império de couro, carne e aço.

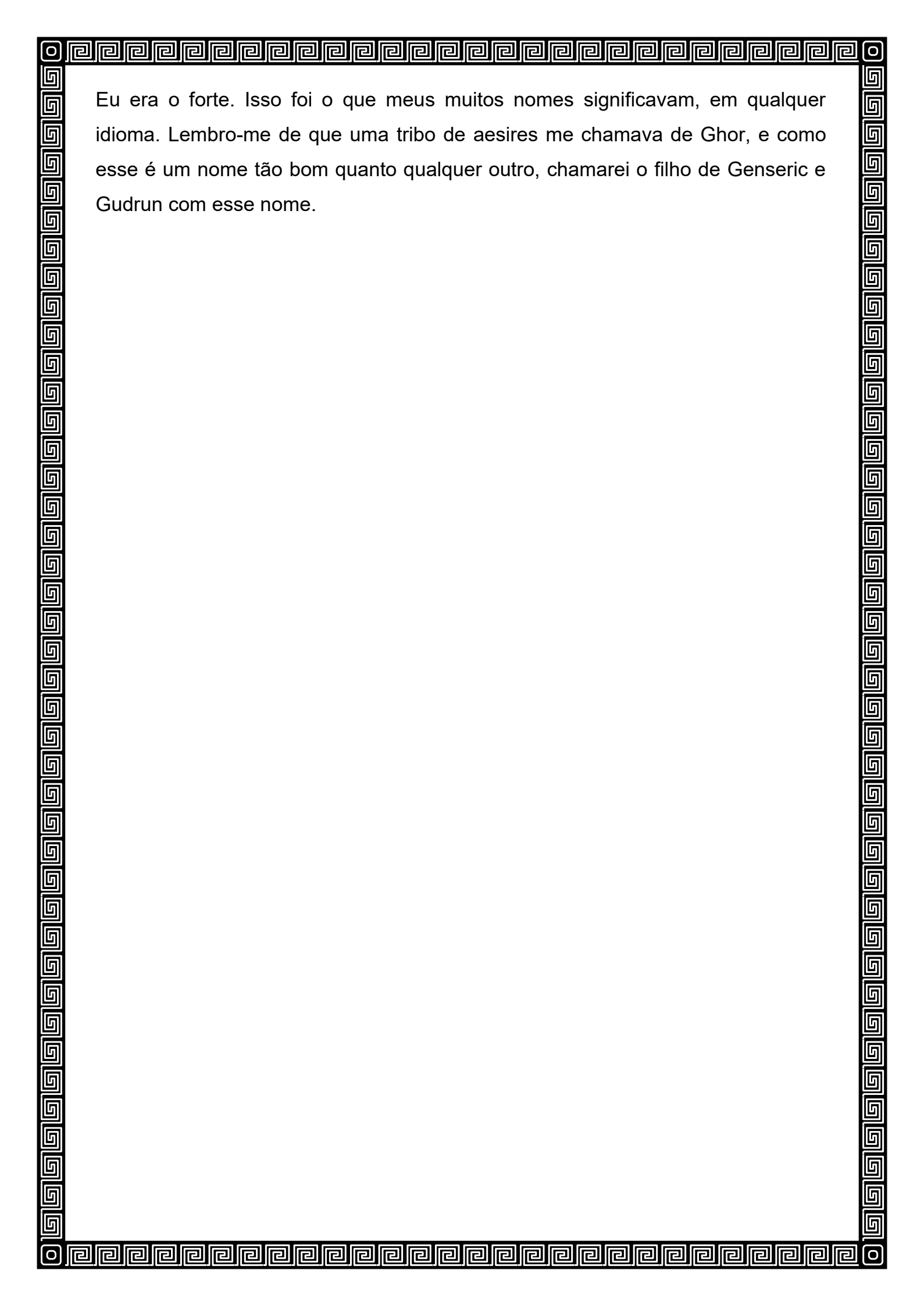
O que eu não poderia contar sobre este planeta e a vida que o povoa? Como posso resistir a refutar as crônicas e as sagas e como posso evitar rir de historiadores e filósofos?

Mas agora vou além de seus conhecimentos, para uma Era da qual você nunca ouviu falar. Falarei sobre o bebê de Genseric e Gudrun, aquela com as Tranças Brilhantes... aquele bebê que foi amamentado por uma loba.

Ah, eu sei que a história não é nova. Todas as raças têm, em suas lendas, um bebê que foi criado pelos os seios de uma loba. É uma herança de todos os povos arianos, e outras raças tomaram deles.

Mas, na verdade, é do filho de Genseric e Gudrun, de quem todas essas histórias começam. Rômulo foi amamentado por uma prostituta, e seus filhos disseram que ela era uma loba, por cortesia e exagero. Mas o leite da loba cinzenta era o único sustento que o filho de Genseric conheceu.

Eu nunca tive um nome, como os homens costumam ter, embora nos anos da minha vida eles me tenham chamado de muitas maneiras em muitas tribos.



Eu era o forte. Isso foi o que meus muitos nomes significavam, em qualquer idioma. Lembro-me de que uma tribo de aesires me chamava de Ghor, e como esse é um nome tão bom quanto qualquer outro, chamarei o filho de Genseric e Gudrun com esse nome.